

EDITORIAL

Dá-se corpo com este volume a uma nova série da revista “O Arqueólogo Português”, a mais antiga e porventura a mais prestigiada e internacionalizada revista da arqueologia portuguesa, fundada em 1895 por José Leite de Vasconcelos. O ciclo ora iniciado resulta de uma parceria, virtuosa, estabelecida entre o Museu Nacional de Arqueologia (MNA) e a Imprensa Nacional Casa da Moeda (INCM), a quem agradecemos vivamente, nas pessoas do Presidente, Prof. Estêvão de Moura, e do Director da Unidade Editorial, Dr. Duarte Azinheira.

Existem fortes e fundadas razões para que tivéssemos dado o presente passo. Em primeiro lugar, importa referir que o modelo de parceria indicado actualiza laços de colaboração que remontam ao tempo do fundador da revista e do próprio museu. De facto e como é sabido, a INCM foi a editora da principal obra publicada de Leite de Vasconcelos, incluindo aquela que resultou da actividade do “seu” museu, o Museu Etnológico Português, actual MNA. E perfazem-se precisamente no ano corrente setenta anos sobre o seu falecimento, pelo que os respectivos direitos autorais caem em domínio público, sendo por isso oportuno reconsiderar um quadro de colaboração que envolva o editor e a instituição onde se guarda a principal parte do espólio leiteano, incluindo boa soma de originais e documentação diversa, muita dela inédita.

A estas razões acrescentam-se os factores que decorrem da própria dinâmica da revista. Quase se poderia dizer, simplificando, que as quatro séries anteriores correspondem à visão que lhe imprimiram os quatro directores com mandatos mais duradouros à frente do MNA: Leite de Vasconcelos, para a 1ª série, entre 1895 e 1938, com 30 volumes publicados; Manuel Heleno, para a 2ª série, entre 1951 e 1964, com 5 volumes publicados; D. Fernando de Almeida, para a 3ª série, entre 1967 e 1974/1977, com 9 volumes publicados; e Francisco Alves, para a primeira parte da 4ª série, entre 1983 e 1990/1992, com 10 volumes publicados.

Acontece que, levando já nós cerca de década e meia na direcção do MNA, entendemos sempre, até agora, dar continuidade à 4ª série, de que fomos responsáveis por 14 volumes, desde 1997. Expusemos nos dois editoriais que subscrevemos em anteriores números da revista (11/12 e 21) as razões desta opção, algumas de natureza circunstancial e relacionadas com a obrigação moral que sentimos inicialmente em recuperar o atraso de publicação, outras de natureza mais estrutural, já que não apenas considerávamos adequadas as características editoriais da dita série, como principalmente entendíamos, e entendemos, que uma instituição mais do que centenária como o MNA possui vida própria, à qual se devem adaptar os seus sucessivos dirigentes, e não o contrário.

Esta apreciação não deve todavia impedir a evolução e a modernização, porque na realidade a vida é feita de mudança, até no caso das instituições mais cultoras do seu passado, como é o MNA. Já em 2003, e mesmo sem iniciar nova série, tínhamos introduzido na revista diversas inovações: instituição de um Conselho Editorial, constituindo personalidades de referência na arqueologia portuguesa; retoma do conceito de *artigo de fundo*, entendido como “contributo preferencialmente de síntese, solicitado para o efeito, na condição de o respectivo autor, ou autores, aceitar colocá-lo à discussão por parte de um conjunto de especialistas convidados pela direcção da revista, podendo os autores, se o desejarem, redigirem uma resposta final, depois de conhecerem os comentários realizados”; clarificação da organização interna da revista, ainda que sem a introdução explícita de secções (outros artigos, colecções museológicas, com especial relevo para a publicação de colecções do Museu, notas breves, recensões bibliográficas, documentação histórica e actividades do Museu); enfim, alguma alterações gráficas limitadas, que só os mais atentos puderam detectar. Realizámos

finalmente, nessa ocasião, o relançamento e reorganização, mais profunda esta, da série monográfica *Suplementos a 'O Arqueólogo Português'*, de que até ao presente se publicaram 6 números.

Chegados aqui, atentas as crescentes dificuldades em encontrar, no âmbito da tutela da Cultura, os meios necessários à edição da revista e ponderadas as razões históricas e até simbólicas acima indicadas, entendemos que a parceria com a INCM justificaria por si mesma o passo mais audacioso em frente que representa dar início a uma 5ª série. A isso nos compele igualmente a maior difusão livreira de que a revista passa a usufruir.

No essencial mantém-se o precedente modelo organizativo de conteúdos, conforme se indicou anteriormente. Mantém-se a periodicidade anual da revista e a periodicidade ocasional dos suplementos, os quais em todo caso se deseja poderem vir a ser um ou dois por ano. Mantém-se também a instituição de um Conselho Editorial, composto pelos mesmo especialistas, aos quais se acrescenta, por nosso convite, o Prof. Doutor João Luís Cardoso, eminente colega a quem agradecemos a disponibilidade, como antes já o fizéramos, e agora reiteramos, relativamente aos restantes conselheiros. Identicamente se diga em relação à Doutora Ana Ávila de Melo, que continua a assegurar, com notável proficiência, as funções de editora executiva.

As maiores alterações que esta 5ª série de “O Arqueólogo Português” apresenta situam-se por consequência ao nível da concepção gráfica e são sem dúvida importantes: formato geral e formato de manchas interiores, desenho e cores da capa, tipo e corpo de letra, etc. Trata-se de um modelo visual desenvolvido, a nosso pedido, pelos designers Beatriz Horta Correia e Miguel Gaspar, a quem igualmente agradecemos e felicitamos, os quais já antes tinham sido os responsáveis pelas modificações introduzidas desde 2003 na 4ª série, conforme se referiu anteriormente.

Apesar da inovação, tentámos em todo caso manter laços evidentes de aproximação à anterior série da revista, tal como esta mergulhava raízes na série inicial, oitocentista. Podemos por isso dizer que o novo “O Arqueólogo Português” continuará a ser bem reconhecível na sua identidade própria, com reminiscências gráficas que retomam às suas origens.

Como sempre, não alimentamos a pretensão de termos acertado, no todo ou na parte. Outros por nós o dirão. O que, sim, podemos assegurar é que procurámos fazer o melhor, preservando e levando mais longe o legado leiteano. E só temos uma certeza, que repete a afirmação com que terminámos o nosso anterior e último editorial na série da revista que ora finda: o futuro é uma longa estrada em aberto, que outros por nós hão-de prosseguir, com espírito porventura idêntico ao nosso, se aquilo que lhes legarmos merecer efectivamente ser continuado.

Luís Raposo
Director do Museu Nacional de Arqueologia